



Organização
Internacional
do Trabalho

► RELATÓRIO DA OIT

Perspetivas Sociais e de Emprego

Tendências 2024

SUMÁRIO EXECUTIVO

A recuperação económica desacelerou ...

O ambiente macroeconómico deteriorou-se significativamente ao longo do ano de 2023. As tensões geopolíticas em curso, bem como a inflação persistente e crescente, obrigaram os bancos centrais a uma intervenção mais frequente e agressiva. As autoridades monetárias das economias avançadas e emergentes puseram em prática o aumento mais rápido das taxas de juro observado desde a década de 1980, com repercussões a nível mundial significativas. As grandes economias emergentes, como a China, a Turquia e o Brasil, desaceleraram consideravelmente, com um impacto negativo na atividade industrial, no investimento e no comércio mundiais. O crescimento das economias avançadas foi praticamente reduzido a metade. Dado o desvio significativo e altamente persistente da inflação em relação aos objetivos, espera-se que os bancos centrais mantenham uma orientação rigorosa das condições financeiras, pelo menos até ao final de 2024. Consequentemente, a recuperação económica e social após a pandemia continua incompleta e novas vulnerabilidades estão a minar os progressos em matéria de justiça social.

... enquanto o crescimento do emprego se revelou resiliente e a taxa de desemprego atingiu o seu nível mais baixo ...

Apesar do abrandamento económico, o crescimento mundial em 2023 foi ligeiramente superior ao previsto e os mercados de trabalho mostraram uma resiliência surpreendente. Graças ao forte crescimento do emprego, tanto a taxa de desemprego como o défice de emprego diminuíram abaixo dos valores anteriores à pandemia. A taxa de desemprego mundial em 2023 situou-se em 5,1 por cento, uma melhoria modesta em comparação com 2022. O défice global de empregos registou igualmente melhorias em 2023, mas permaneceu elevado com cerca de 435 milhões. Além disso, em 2023, as taxas de participação no mercado de trabalho tinham recuperado amplamente dos seus mínimos pandémicos, especialmente entre os países de rendimento médio inferior e os países de rendimento elevado, embora com grandes diferenças entre grupos no mercado de trabalho, contribuindo para os desequilíbrios globais do mercado de trabalho, nomeadamente nas economias avançadas. Além disso, o número médio de horas trabalhadas permanece abaixo dos níveis pré-pandémicos (2019), o que pesa sobre a mão de obra mundial disponível e causa desequilíbrios no mercado de trabalho, especialmente em setores-chave nas economias avançadas e em algumas economias emergentes. Apesar de terem diminuído ligeiramente em 2023, começam a surgir preocupações de que estes desequilíbrios do mercado de trabalho sejam de natureza estrutural e não cíclica.

... embora os salários reais tenham diminuído e a pobreza no trabalho tenha atingido o seu ponto mais baixo

Apesar da redução do desemprego e do crescimento positivo do emprego, os salários reais diminuíram na maioria dos países do G20, uma vez que os aumentos salariais não conseguiram acompanhar o ritmo da inflação. Além disso, em 2023, o número de trabalhadores e trabalhadoras que vivem em situação de pobreza extrema, ou seja, que ganham menos de 2,15 USD por dia por pessoa em termos de paridade de poder de compra (PPC), aumentou em quase mais de 1 milhão a nível mundial. Verifica-se um padrão semelhante quando se analisa a pobreza mode-

rada dos trabalhadores e trabalhadoras, ou seja, que ganham menos de 3,65 USD por dia por pessoa em termos de PPC. De facto, o número de trabalhadores e trabalhadoras que vivem em pobreza moderada aumentou em 8,4 milhões em 2023 com um declínio da pobreza moderada apenas observado nos países de rendimento médio-alto. Numa nota positiva, as taxas de informalidade regressaram aos níveis pré-pandémicos, embora o número de trabalhadores e trabalhadoras informais tenha atingido 2 mil milhões devido ao aumento da mão de obra mundial.

As condições financeiras começaram a deteriorar-se, reforçando as fragilidades

Não obstante, por detrás das tendências favoráveis dos números do emprego, começou a emergir uma fragilidade que deverá atingir em primeiro lugar os países que já se debatiam com dificuldades antes da pandemia. Os países em desenvolvimento altamente endividados correm o risco de entrar rapidamente em dificuldades financeiras à medida que as condições financeiras a nível

mundial se tornam mais rigorosas, com repercussões significativas no emprego, nas condições de trabalho e no crescimento dos salários. Até à data, estes problemas mantiveram-se localizados, com poucas repercussões regionais ou mesmo mundiais. No entanto, se as tensões financeiras afetarem de forma sistemática mais países relevantes, não é de excluir uma nova crise financeira mundial.

O investimento manteve-se resiliente ...

As taxas de investimento mundiais recuperaram significativamente desde o mínimo histórico registado durante a crise financeira mundial, incluindo durante a pandemia. O aumento dos custos de financiamento e a deterioração geral do nível de incerteza até à data não impediram o regresso a uma atividade de investimento mais elevada, especialmente entre os países europeus. Além disso, graças à forte evolução dos produtos de base, os países da África Subsariana registaram uma aceleração signifi-

cativa do investimento e deverão manter as taxas de investimento num dos níveis mais elevados das últimas três décadas. Por outro lado, os países da Ásia Oriental e do Sudeste Asiático registaram um abrandamento moderado do investimento, embora a partir de níveis muito elevados. De um modo geral, é de esperar um declínio temporário do investimento, mas as taxas de investimento globais deverão manter-se significativamente acima dos níveis observados durante a década de 2010.

... mas o crescimento da produtividade continuou a desacelerar num contexto de aumento das pressões sobre os preços.

Após um curto surto de crescimento à medida que os países recuperavam da pandemia, a produtividade agregada do trabalho regressou rapidamente ao seu baixo ritmo observado na década anterior. É importante notar que este abrandamento ocorreu apesar da aparente aceleração do progresso tecnológico, nomeadamente no que respeita às tecnologias digitais. A este respeito, o aumento do investimento observado em muitos países avançados e, em alguns países em desenvolvimento, não parece ter impulsionado o crescimento da produtividade, presumivelmente devido ao forte crescimento do investimento em serviços pouco produtivos e na construção. **Durante períodos de crescimento lento da produtividade, o rendimento disponível real e os salários reais são muitas vezes vulneráveis aos choques súbitos de preços.** Uma vez que apenas um pequeno número de empresas vê

os seus ganhos acelerarem, a maioria dos trabalhadores e trabalhadoras não pode pedir um aumento significativo dos seus ganhos, tendo sido confrontados, bem como as suas famílias, com uma erosão acelerada do seu rendimento disponível real. Além disso, dada a grande heterogeneidade setorial dos rendimentos, verificou-se um novo aumento da desigualdade de rendimentos em cada país. Embora os responsáveis pelas políticas macroeconómicas possam congratular-se com a ausência de uma espiral salários-preços, num contexto de crescimento já pouco dinâmico e de perda de rendimentos durante a pandemia, uma tal erosão do rendimento disponível real é um mau presságio para a procura agregada e para uma recuperação económica mais sustentada. Mais importante ainda, quando a procura vacila, o crescimento da produtividade é afetado, uma vez que as empresas não conseguem gerar receitas suficientes para investir e adaptar-se aos mais recentes desenvolvimentos tecnológicos.

Os desequilíbrios do mercado de trabalho foram agravados pelo fraco crescimento da produtividade e pela redução da média de horas trabalhadas ...

As preocupações com a escassez de mão de obra e de competências continuaram a ocupar um lugar de destaque na agenda dos decisores políticos, pelo menos nas economias avançadas e em algumas economias emergentes. Apesar de uma rápida recuperação das taxas de atividades, os setores com trabalhadores e trabalhadoras essenciais manifestaram dificuldades em atrair pessoas para responder à crescente procura de cuidados, transportes e trabalho no comércio a retalho. Verificou-se também uma escassez persistente noutros setores, como a indústria transformadora, a construção e as TIC. Parte do desafio no que respeita à escassez de trabalhadores essenciais tem a ver com as más condições de trabalho nestes setores. O abrandamento da produtividade torna difícil oferecer salários mais elevados por parte dos empregadores destes setores. Além disso, a rápida mudança da procura setorial e a política orçamental de apoio criaram uma pressão adicional sobre a procura de mão de obra em setores específicos que eram difíceis de satisfazer

rapidamente. Este desajustamento setorial foi muitas vezes agravado pela reduzida mobilidade geográfica, dada a falta de habitação a preços acessíveis a trabalhadores e trabalhadoras. Embora estas carências pareçam ter diminuído com políticas macroeconómicas mais rigorosas, os desequilíbrios do mercado de trabalho continuaram a persistir.

A recuperação das taxas de atividade para os níveis anteriores à pandemia tem sido desigual e não beneficiou da mesma forma todos os grupos do mercado de trabalho. As taxas de atividade das mulheres recuperaram mais rapidamente do que o previsto, mas as disparidades de participação entre homens e mulheres continuam a ser significativas, em especial nos países emergentes e em desenvolvimento. Mais preocupante é a situação da população jovem. Embora a taxa de atividade jovem tenha recuperado acima da tendência, uma grande parte dos jovens e das jovens que abandonaram o mercado de trabalho não seguem

qualquer modalidade de formação e continuam a enfrentar desafios significativos para regressar. A taxa de NEET (pessoas que não estão em formação, educação ou emprego) continua a ser elevada em todos os níveis de rendimento e, em especial, entre as mulheres jovens, o que coloca desafios significativos à sua ligação ao mercado de trabalho a longo prazo.

Embora as pessoas tenham regressado ao mercado de trabalho, tendem a não trabalhar o mesmo número de horas que antes da pandemia. Com efeito, em todos os países de todos os níveis de rendimento, o número médio de horas trabalhadas registou um aumento inferior do que o número total de horas trabalhadas, verificando-se uma grave escassez em alguns setores intensivos em atividades de contacto interpessoal. Em parte, esta situação está relacionada com as consequências para a saúde a longo prazo que se têm vindo a acumular nos últimos três anos. Com efeito, o número de licenças por doença aumentou significativamente em comparação com os níveis anteriores à pandemia, o que indica efeitos persistentes da COVID-19 na saúde das pessoas. Além disso, as medidas de política para manter os trabalhadores e trabalhadoras no seu emprego independentemente do número de horas trabalhadas estão a desaparecer lentamente e impediram uma recuperação mais rápida da média de horas trabalhadas. Por último, o aumento observado na incidência do emprego a

tempo parcial contribui para reduções a longo prazo da média de horas trabalhadas, uma vez que os trabalhadores e trabalhadoras a tempo parcial têm muitas vezes dificuldade em regressar a um emprego a tempo completo.

À medida que a economia continua a abrandar, parte desta escassez de mão de obra será absorvida por empresas que publicitam menos vagas. No entanto, como o crescimento da produtividade continua a ser fraco, é provável que a escassez de mão de obra persista. Além disso, nos países que registam um envelhecimento da população, os empregadores enfrentarão dificuldades crescentes para preencher as suas vagas, apesar do abrandamento do crescimento. Os trabalhadores e trabalhadoras mais velhos tendem a mudar de emprego com menos frequência. O envelhecimento da população significa que menos pessoas mudam de emprego, ficando muitas vagas por preencher. A melhoria das condições de trabalho e o aumento da produtividade poderão ajudar a resolver alguns destes desequilíbrios do mercado de trabalho, tal como uma distribuição mais equitativa das oportunidades de emprego nos países que enfrentam um grave excesso de mão de obra.

... uma indicação de problemas estruturais que afetam o ajustamento do mercado de trabalho

À medida que os fatores cíclicos que afetam os mercados de trabalho vão sendo lentamente absorvidos, as questões estruturais do ajustamento dos mercados de trabalho tornam-se mais prementes. Por um lado, os regimes de manutenção dos postos de trabalho - como os que foram postos em prática em muitas economias avançadas - revelaram-se essenciais para que as empresas e os trabalhadores e trabalhadoras não perdessem experiência e competências valiosas. No entanto, isto significou uma menor propensão para mudar rapidamente para novas oportunidades com o início da recuperação. Além disso, as tendências a longo prazo da produtividade e do envelhecimento da população nas economias avançadas e em algumas economias emergentes abrandaram o ajustamento necessário para absorver os desequilíbrios do mercado de trabalho induzidos pela pandemia. Uma força de trabalho que é, em

média, mais velha e com menor mobilidade - em parte devido aos problemas no mercado da habitação acima descritos - também terá menos oportunidades de mudar para oportunidades de emprego alternativas. Essas oportunidades poderão simplesmente não existir devido ao abrandamento generalizado do crescimento da produtividade, reduzindo as possibilidades de transição para empregos mais bem remunerados. Por último, apesar das melhorias modestas registadas em 2023, as taxas atividade, tanto dos homens como das mulheres, deverão diminuir em 2024 e 2025 na maioria dos países de todos os grupos de rendimento, seguindo a sua tendência de longo prazo.

A aceleração do progresso tecnológico está a testar a resiliência do mercado de trabalho

O ajustamento do mercado de trabalho será ainda posto à prova pela aceleração do progresso tecnológico. No ano de 2023, assistiu-se à chegada de mais uma vaga de inovações digitais em torno da inteligência artificial generativa. Apesar deste aparente progresso tecnológico, os níveis de vida e o crescimento da produtividade não melhoraram, o que constitui mais um indício da lentidão do ajustamento do mercado de trabalho. A falta de competências e as barreiras à entrada de novos operadores criadas por grandes monopólios digitais revelaram-se obstáculos significativos a uma adoção tecnológica mais rápida, em especial nos setores de baixa produtividade e nos países em desenvolvimento. Além disso, é provável que as desigualdades geográficas se agravem, uma vez que um pequeno número de conglomerados continua a atrair a maior parte do investimento no setor digital. Muitos países, incluindo os do mun-

do em desenvolvimento, adotaram políticas para encorajar a inteligência artificial. No entanto, no atual clima de tensões geopolíticas, a transferência tecnológica parece enfrentar obstáculos crescentes que dificultarão uma estratégia de salto qualitativo nos países em desenvolvimento para aproveitar os benefícios que estas tecnologias digitais oferecem. Além disso, as iniciativas de maior envergadura em matéria de competências exigem recursos orçamentais nacionais significativos que foram corroídos pela pandemia, incluindo nas economias avançadas. Os países que anseiam por uma transformação digital mais rápida que beneficie a sociedade em geral terão de recorrer a novas abordagens políticas, incluindo uma abordagem mais pró-ativa do desenvolvimento tecnológico, por exemplo, através de uma política de inovação orientada e da mobilização de recursos através de fundos soberanos.

As perspetivas permanecem nebulosas, uma vez que as múltiplas crises põem em causa a justiça social

No futuro, as perspetivas do mercado de trabalho tenderão a deteriorar-se, embora de forma moderada. As taxas de desemprego mundiais registarão um ligeiro aumento ao longo do horizonte das previsões, principalmente devido ao aumento do desemprego nas economias avançadas. Prevê-se que o desemprego aumente ligeiramente em 2024. À medida que as taxas de participação da população ativa diminuem e o crescimento do emprego abranda, mais 2 milhões de trabalhadores e trabalhadoras irão procurar emprego, fazendo subir a taxa de desemprego global de 5,1 por cento em 2023 para 5,2 por cento em 2024. Ao mesmo tempo, o défice global de emprego, embora tenha melhorado, com mais de 434 milhões de pessoas, manteve-se elevado em 2023. Além disso, é pouco provável que a erosão dos salários reais e dos padrões de vida, devido às taxas de inflação elevadas e persistentes e ao aumento dos custos da habitação, seja compensada rapidamente. O desemprego jovem continua a representar um desafio para um ajustamento mais rápido das estruturas e do mercado de trabalho, especialmente nos países com elevadas taxas de NEET. A este respeito, a lacuna aberta pela pandemia tem de ser colmatada rapidamente através de iniciativas dirigidas de competências específicas para evitar uma maior erosão da resiliência do emprego. Não se prevê que as taxas de informalidade continuem a melhorar, com cerca de 58 por cento da população ativa mundial a permanecer no emprego informal em 2024. Do mesmo modo, é provável que a pobreza no trabalho se mantenha.

Persistem desafios importantes que devem ser resolvidos rapidamente para acelerar o processo de realização dos objetivos de sustentabilidade da ONU. A este respeito, o atual ambiente de tensões geopolíticas é um mau presságio para uma coordenação internacional rápida e eficaz para enfrentar os grandes desafios económicos, ecológicos e sociais. Os governos precisam de reforçar a sua economia através de iniciativas para aumentar o crescimento da produtividade e o nível de vida. A este respeito, os governos e os parceiros sociais poderiam recorrer aos instrumentos de cooperação internacional existentes para promover iniciativas regionais em matéria de produtividade, por exemplo, através do reforço das parcerias globais em matéria de competências. Por último, apesar de os governos terem regressado aos lugares de comando da economia, os seus recursos foram esgotados, especialmente nos países de baixo e médio rendimento. O trabalho atualmente desenvolvido pelo G20 para promover a cooperação internacional com vista a uma melhor utilização dos fundos multilaterais de desenvolvimento deve ser incentivado e acelerado para apoiar as economias mais frágeis.

Promover a justiça social e o trabalho digno

A Organização Internacional do Trabalho é a agência das Nações Unidas para o mundo do trabalho. Reunimos governos, empregadores e trabalhadores para promover uma abordagem centrada no ser humano para o futuro do trabalho através da criação de emprego, dos direitos no trabalho, da proteção social e do diálogo social.

ilo.org

Organização Internacional do Trabalho

Route des Morillons 4
1211 Genebra 22
Suiça